

**ACEPÇÕES TEMPORAIS NAS CIÊNCIAS HISTÓRICAS: INSTRUMENTOS PARA A INVESTIGAÇÃO E O ENSINO<sup>1</sup>****ACEPCIONES TEMPORALES EN LAS CIENCIAS HISTÓRICAS: HERRAMIENTAS PARA LA INVESTIGACIÓN Y LA ENSEÑANZA****TEMPORAL CONCEPTIONS IN HISTORICAL SCIENCES: INSTRUMENTS FOR RESEARCH AND TEACHING**

Recebido em: 12/10/2024

Aceito em: 20/11/2024

Publicado em: 28/12/2024

Diego Machado<sup>2</sup>  
Universidade do Minho

**Resumo:** A atividade arqueológica nos centros urbanos exigiu uma maior reflexão, por parte de arqueólogos, historiadores, geógrafos, arquitetos e urbanistas, de modo a elaborar uma abordagem teórica e conceptual que forneça instrumentos úteis de análise da construção histórica dos centros urbanos. Nesse momento, o conceito de palimpsesto foi empregue como uma metáfora que permitia expressar a preservação e permanência do passado sob a capa do presente, assim como a leitura e explicação do processo de formação e desenvolvimento histórico da paisagem urbana inscrita no subsolo das cidades através de camadas sucessivas que documentam a passagem do tempo. Apesar de inegavelmente positivo para o enquadramento teórico e instrumental da ação arqueológica nos meios urbanos, o conceito de palimpsesto apresenta limites. Se ele permite explicar conceptualmente os fenómenos de sobreposição de camadas e estruturas, como os enchimentos que colmatam uma construção abandonada, não é capaz de fornecer respostas aos processos em que o passado e o presente estão dispostas de forma distinta. Uma alternativa ao palimpsesto é a brechificação, proposta por Nadia Bartolini, que recorre ao processo de consolidação das brechas como metáfora capaz de explicar as situações em que as transformações nas paisagens urbanas se dão pela justaposição de seus elementos construídos.

**Palavras-chave:** Tempo; Espaço; Palimpsesto; Brechificação.

**Resumen:** La actividad arqueológica en los centros urbanos requirió una reflexión profunda por parte de arqueólogos, historiadores, geógrafos, arquitectos y urbanistas, con el fin de desarrollar un enfoque teórico y conceptual que proporcionara herramientas para analizar la construcción histórica de estos espacios. En este marco, el concepto de palimpsesto se utilizó como metáfora para expresar la conservación del pasado bajo el presente y la lectura del proceso histórico de la ciudad, visible en las capas sucesivas que se encuentran en el subsuelo. Aunque útil para explicar la superposición de capas y estructuras, como los rellenos que cubren construcciones abandonadas, el concepto presenta limitaciones, ya que no aborda adecuadamente cómo se organizan el pasado y el presente de forma distinta. Como alternativa al palimpsesto, Nadia Bartolini propuso el concepto de brechificación, que utiliza el proceso geológico de formación de brechas como metáfora. La brechificación explica cómo las transformaciones en los paisajes urbanos ocurren por la yuxtaposición de elementos construidos, en lugar de por la superposición. Así, ofrece una nueva perspectiva para entender cómo las ciudades se modifican con el tiempo, considerando las interacciones entre el pasado y el presente en la construcción de los entornos urbanos.

<sup>1</sup> Esta iniciativa é apoiada através do Financiamento Plurianual do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Ref.<sup>a</sup> UIDB/04509/2020, financiado por fundos nacionais (PIDDAC) através da FCT/MCTES.

<sup>2</sup> Investigador da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/UAUM, do Laboratório de Paisagens, Património e Território/Lab2PT e do Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território/IN2PAST. Doutorando em Arqueologia na Universidade do Minho com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia/FCT, Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho e Licenciado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO - Brasil. E-mail: diegofmachado@gmail.com

**Palabras-chaves:** Tiempo; Espacio; Palimpsesto; Brechificación.

**Abstract:** The archaeological activity in urban centres necessitated a deeper reflection by archaeologists, historians, geographers, architects, and urban planners to develop a theoretical and conceptual approach that would provide useful tools for analysing the historical construction of these spaces. In this context, the concept of palimpsest was employed as a metaphor to express the preservation of the past beneath the present and to interpret the historical process of the urban landscape, visible through successive layers found beneath the surface of cities. While this concept is valuable for explaining the superposition of layers and structures, such as the fill that covers abandoned buildings, it has limitations, as it does not fully address how the past and present are arranged in distinct ways. As an alternative to the palimpsest, Nadia Bartolini proposed the concept of brecciation, drawing on the geological process of breccia formation as a metaphor. Brecciation explains how transformations in urban landscapes occur through the juxtaposition of built elements, rather than their superposition. Thus, it offers a new perspective for understanding how cities evolve over time, taking into account the complex interactions between the past and present in the construction of urban environments.

**Keyword:** Time; Space; Palimpsest; Brecciation.

## INTRODUÇÃO

O estudo das cidades do passado sempre apresentou dificuldades na definição dos conceitos que são convocados para explicar as diferentes atividades que nelas eram realizadas. Com efeito, a caracterização de uma dada experiência urbana encerra, necessariamente, dois movimentos opostos: dinamismo e estabilidade, seja a nível espacial ou temporal.

Os centros urbanos são, concomitantemente, um monumento, que reúne em si o resultado das forças produtivas e materiais que uma instituição, uma classe, uma sociedade produziu, mas também um documento, pois possibilita presentemente a análise de determinadas conjunturas e estruturas desses grupos que o idealizaram, construíram, viveram, modificaram e, assim, garantiram a sua preservação (LE GOFF, 2013).

As diferentes configurações que um centro urbano possui ao longo do tempo confere ao mesmo um sentido de espaço e de lugar. Quando levamos em conta os princípios que o ordenam, seja a configuração arquitetónica dos edificadados ou dos eixos viários que o limitam, a forma, dimensão e extensão dos elementos construídos, componentes que pressupõem alguma estabilidade, estamos perante uma abordagem do objeto enquanto um lugar, definida pela sua relação com outras realidades (THOMAS, 2001), ou mesmo um lugar antropológico, “princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (AUGÉ, 2012). Ele é também um espaço através das atividades que nele eram realizadas, definido pela prática do lugar (CERTEAU, 1998), ou enquanto um espaço antropológico, cuja expressão de realidade dá-se pela relação que se tem com ele enquanto possibilidade de percepção do mundo (MERLEAU-PONTY, 1999).

Temporalmente, os centros urbanos também apresentam essa dicotomia entre o que avança e o que está parado. A caracterização física de uma cidade, produzida a partir do conjunto

de estruturas nela construídas, como ruas, edifícios, praças, habitações, infraestruturas de abastecimento e drenagem, elementos defensivos, etc., geralmente instrumentalizada na forma de representações cartográficas, tem por finalidade a apresentação das construções em um momento paralisado no tempo, como a “cidade romana”, “cidade medieval”, “cidade alto imperial”, “cidade dos finais do século III”, ou outra qualquer. Esse instrumento, que é extremamente útil para a produção de uma imagem dos aspetos físicos de uma cidade, revelando as suas especificidades urbanísticas e arquitetónicas num dado momento, mascara muitos dos elementos dinâmicos que integram um centro urbano, cuja valorização é essencial para a análise de sua sociedade.

### COLISEU, O ANFITEATRO FLAVIANO

Vamos tomar como exemplo o mais famoso monumento da Roma antiga na atualidade, o Coliseu. Após séculos de estudos sobre a Cidade Eterna na segunda metade do século I, é hoje bastante consensual um conjunto de tópicos que concernem à construção do edifício. Em linhas gerais, após o grande incêndio que assolou a capital do império em julho de 64, o imperador Nero aproveitou-se do desterro e da razia das áreas mais afetadas pelo fogo para adquirir os lotes de terra e iniciar as obras de sua habitação palaciana, a *Domus Aurea*. Essa associação entre o incêndio e a residência imperial teria levado a população a considerar Nero como o causador do fogo, ainda que o imperador insistisse em acusar os cristãos. O clima de acusação contra o *princeps* teria, então, motivado o seu suicídio, em 68, dando início a um ano bastante conturbado na história política de Roma, só sendo estabilizado com Vespasiano e o início da dinastia flaviana. Com a intenção de distanciar a memória de Nero e melhorar a sua aceitação com a população romana, o imperador iniciou a construção de um imenso anfiteatro, que só foi terminado no governo de seu filho, Tito, onde antes ficava o lago artificial casa neroniana (HOPKINS; BEARD, 2011; WOONG, 2014).

Apesar das dificuldades, ou mesmo a impossibilidade de se produzir uma análise direta e imparcial sobre o período de Nero, uma vez que toda e qualquer leitura sobre o passado passa pelo crivo das diferentes perspetivas que já se realizaram sobre ele, bem como pelos ideais contemporâneos ao ato da escrita (FAVERSANI; JOLY, 2021; BEARD, 2021), parece seguro afirmar que, em alguma medida, a construção da *Domus Aurea* conheceu alguma reprovação em Roma. Desta forma, a conversão de parte dela em anfiteatro provocou reações muito distintas. Em primeiro lugar, há alterações de natureza urbanística bastante imediatas, associadas à habilitação pública de uma importante área da cidade onde, nos séculos

subsequentes, conheceriam grandes intervenções por parte de imperadores, como o templo de Vénus e Roma de Adriano, o templo e as termas de Heliogábalo, o arco de Constantino, bem como o fim de uma longa e complexa sucessão de edifícios políticos, jurídicos e religiosos que conformavam o *forum Romanum* e os *fora* imperiais.

IMAGEM 1 – VISTA DO COLISEU DESDE A PLATAFORMA NA ÁREA DO *FORUM ROMANUM*, PRÓXIMO AO TEMPLO DE VÉNUS E ROMA.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Contudo, é possível que alterações ainda mais profundas tenham ocorrido a nível social e cultural. De facto, apesar de várias cidades do mundo antigo terem conhecido anfiteatros permanentes, como Pompeia ou *Lugdunum*, em Roma essas estruturas possuíam, até o período Flaviano, um carácter provisório, feito em madeira para alguns jogos pontuais e que depois eram desmontados. Essa novidade construtiva na cidade provocou reações bastante impressionantes, ao que se somaria ainda o carácter imponente e majestoso do edifício, facto que até hoje tem a capacidade de impressionar os milhões de turistas de todo o mundo que visitam a cidade (BOMGARDNER, 2000; HOPKINS; BEARD, 2011).

Portanto, como podemos pensar a temporalidade do Anfiteatro Flaviano, hoje conhecido predominantemente pelo nome que recebeu na Idade Média, *Colosseum*/Coliseu, em referência à estátua de Nero, cuja memória ele tentou apagar? No constante e incessante

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.407>

ISSN: 2447-0244

processo de construção, reforma, ampliação, demolição, destruição, reconstrução, transformação e reconfiguração que um centro urbano como Roma tem experienciado, há quase três mil anos, os edifícios do passado, como o Coliseu, são enquadrados, temporalmente, a qual momento? Certamente à sua construção, nos finais do século I, mas e quanto à sua permanência na malha urbana da cidade? A sua presença na cidade atual, quase dois mil anos após os governos de Vespasiano e Tito, torna-o nosso contemporâneo ou ainda assim ele deve permanecer um edifício que remonta à cidade do Principado romano e, portanto, completamente distante de nós, numa perfeita alteridade?

E, por fim, o que podemos pensar em relação à construção da memória em torno ao anfiteatro flaviano? Mesmo se deixarmos de parte o seu nome “popular”, Coliseu, e a direta referência ao que ele tentou apagar, a Igreja Católica conseguiu associar às areias da arena do edifício uma imagem de perseguição e martírio de cristãos no período antigo, da mesma forma que os recursos mediáticos e propagandísticos atuais transformaram os violentos e sangrentos embates entre gladiadores em alegres e festivos momentos. Em suma, o Coliseu, enquanto estrutura física e imóvel, um anfiteatro construído nos finais do século I, pertence a qual ideia de cidade e sociedade? Ou quais?

IMAGEM 2 – FOTO DO INTERIOR DO COLISEU COM A ARENA CENTRADA, SENDO VISÍVEIS AS FOSSAS E AS ARQUIBANCADAS DO ANFITEATRO.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

## **PALIMPSESTO E OS PROCESSOS DE ADIÇÃO EM MEIO URBANO**

Em meio a essas dificuldades de se definir ontologicamente a multitemporalidade da paisagem urbana, diversos investigadores, desde a segunda metade do século XX, têm utilizado a metáfora do palimpsesto para explicar os processos de formação dos centros urbanos de modo a condensar as variáveis temporais e espaciais que as construções encerram, em diferentes níveis e intensidades. Palimpsesto (MONTANARI, 2015, p. 1525 – s.v. *pálinpsestos*) é uma palavra antiga, formada por dois radicais gregos: *pálin*, novamente, e *psáo/psáein*, raspar, gravar, que documenta uma prática de reciclagem de pergaminhos na qual o conteúdo escrito é

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.407>

ISSN: 2447-0244

raspado ou lavado, de modo a remover a tinta e, dessa forma, permitir a reutilização do material. Apesar da crença (real ou aparente) de que o conteúdo original tenha sido removido, em muitos casos é possível recuperar os textos antigos, que permaneciam na superfície dos pergaminhos como “traços fantasmas” (LYONS, 2010; CLANCHY, 2013).

A metáfora do palimpsesto assenta na ideia de algo que, embora não esteja visível, ou aparenta não estar presente, encontra-se preservado sob o atual. Esse recurso discursivo foi utilizado pela primeira vez pelo escritor inglês do século XIX Thomas De Quincey (1785-1859), em sua obra *Suspiria de Profundis*, lançada em 1845:

Que outra coisa é o cérebro humano senão um **palimpsesto** natural e poderoso? Tal palimpsesto é o meu cérebro; tal palimpsesto, ó leitor! é o teu. **Camadas** eternas de ideias, imagens, sentimentos, caíram sobre o teu cérebro suavemente como a luz. Cada **sucessão** parece enterrar todas as anteriores. E, no entanto, na realidade, nenhuma delas foi extinta. E se, no palimpsesto do pergaminho, entre os outros diplomas dos arquivos ou bibliotecas humanas, houver algo de fantástico ou que provoque o riso, como muitas vezes acontece nas grotescas colisões desses temas sucessivos, sem ligação natural, que por puro acidente ocuparam consecutivamente o rolo, mas, no nosso palimpsesto criado pelo divino, o profundo palimpsesto memorial do cérebro, não há nem pode haver tais incoerências. Os acidentes fugazes da vida de um homem, e seus espetáculos externos, podem, de facto, ser irrelacionados e incongruentes; mas os princípios organizadores que se fundem em harmonia, e reúnem em torno de centros fixos predeterminados, quaisquer que a vida possa ter acumulado de fora, não vai permitir que a grandeza da unidade humana seja violada, nem que o seu repouso final seja perturbado na retrospectiva de momentos mortais, ou de outras grandes convulsões (DE QUINCEY, 2019, p. 51–52, grifo nosso)<sup>3</sup>.

Nesse momento, os inícios do século XIX, o mundo passava a ser visto como uma sucessão de camadas. O geólogo inglês William Smith começava a produzir os seus estudos sobre a disposição das camadas que formavam o Reino Unido e as associava com os elementos fósseis nelas identificados, diferenciando e relacionando cada uma com um momento evolutivo da geologia inglesa (SMITH, 1816). Na Arqueologia, esse “mundo visto em camadas” também proporcionou importantes avanços metodológicos através da relação entre os sedimentos e as

---

<sup>3</sup> What else than a natural and mighty palimpsest is the human brain? Such a palimpsest is my brain; such a palimpsest, O reader! is yours. Everlasting layers of ideas, images, feelings, have fallen upon your brain softly as light. Each succession has seemed to bury all that went before. And yet in reality not one has been extinguished. And if, in the vellum palimpsest, lying amongst the other diplomata of human archives or libraries, there is any thing fantastic or which moves to laughter, as oftentimes there is in the grotesque collisions of those successive themes, having no natural connexion, which by pure accident have consecutively occupied the roll, yet, in our own heaven-created palimpsest, the deep memorial palimpsest of the brain, there are not and cannot be such incoherencies. The fleeting accidents of a man’s life, and its external shows, may indeed be irrelate and incongruous; but the organizing principles which fuse into harmony, and gather about fixed predetermined centres, whatever heterogeneous elements life may have accumulated from without, will not permit the grandeur of human unity greatly to be violated, or its ultimate repose to be troubled in the retrospect from dying moments, or from other great convulsions (DE QUINCEY, 2019, p. 51–52).

materialidades arqueológicas e biológicas neles encerradas, cujas aplicações mais imediatas, no campo da Pré-História, romperam completamente com a análise do passado humano à luz de uma cronologia bíblica, reconhecendo uma antiguidade significativamente mais recuada para a espécie (*cf.* BOCHER DE PERTHES, 1847–1864).

No âmbito da Arqueologia que se encarrega de períodos mais recentes, a introdução de um pensamento teórico mais elaborado sobre a formação das cidades históricas ganhou um grande fôlego na segunda metade do século XX, fenômeno que se encontrava alinhado com as transformações metodológicas e ao avanço das técnicas de registo dos dados arqueológicos (MARTINS; RIBEIRO, 2009/2010). As mudanças nos centros urbanos, associadas aos processos de construção, reforma, destruição ou ampliação, deixam marcas e vestígios no subsolo das cidades, documentos que possibilitam a recuperação de antigas formas urbanas e que evidenciam a passagem do tempo a partir da criação de camadas que se sobrepõem sem, contanto, eliminar por completo as pré-existências. Essa sobreposição de cidades foi vislumbrada como um palimpsesto, no qual uma nova realidade se dá no lugar das anteriores, embora não as remova por completo. Nas palavras de Michael Crang:

a sucessão de acontecimentos e processos históricos que se acumulam para testemunhar silenciosamente a passagem do tempo - produzindo uma paisagem na qual a história se inscreve como um processo de adição, emenda e perpétua alteração (...) como cada época é ultrapassada pela seguinte, ela deixa vestígios e redundâncias, obsolescências e irracionalidades - coisas que ficam como uma marca: o peso do passado ou uma herança, consoante o ponto de vista (CRANG, 1996, p. 430).

O sucesso da metáfora do palimpsesto nos estudos sobre os centros urbanos é bastante significativo, tendo sido utilizada por historiadores, arqueólogos, urbanistas, geógrafos entre tantos outros que se dedicam à reflexão sobre a formação, caracterização e desenvolvimento das cidades (*cf.* HUYSEN, 2003; BAILEY, 2007). Particularmente, a ideia de “passados” encerrados sobre o manto da atualidade, “memórias” preservadas e passíveis de voltarem à contemplação do presente, foi deveras útil e importante para a formulação de planos de ação para a prática arqueológica nos centros históricos e para criar o quadro legal que essas atividades exigem (LEMONS, 2006; MARTINS, 2020).

## **BRECHIFICAÇÃO E OS PROCESSOS DE JUSTAPOSIÇÃO EM MEIO URBANO**

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.407>

ISSN: 2447-0244

Apesar de indiscutivelmente importante, a metáfora do palimpsesto para a formação temporal das cidades apresenta limites enquanto abstração da realidade e instrumento de análise dos dados. Esse conceito parte da linearidade do meio físico ao longo do tempo, entendendo a formação histórica dos centros urbanos como um processo de adição com variação topográfica a partir do acúmulo de vestígios. Assim, é perfeitamente aplicável para a os fenômenos de sobreposição de camadas e estruturas, como os enchimentos que recobrem uma construção abandonada ou os diversos níveis de pavimentos de uma rua que foram sendo recobertos com o passar dos anos. Mas, e quanto aos demais casos, aqueles em que a formação urbanística não se deu por sobreposição, mas por justaposição? Em outras palavras, e quando o mais antigo não está por baixo, mas ao lado ou exatamente no mesmo lugar?

O modo como o mundo físico é contemplado, abstraído e sistematizado pelo nosso cérebro talvez não seja exatamente segundo o palimpsesto de De Quincey. Sigmund Freud, em sua obra *O Mal-estar na Civilização*, elabora uma analogia entre a realidade física e a mente, na qual ambas são apresentadas histórica e topograficamente. Dessa forma, o acesso às diferentes áreas do cérebro seria realizado à semelhança do trabalho de um arqueólogo, de modo que uma cidade não seria “uma morada humana, mas uma entidade psíquica com um passado igualmente longo e rico, na qual nada que veio a existir chegou a perecer, na qual, juntamente com a última fase de desenvolvimento, todas as anteriores continuam a viver” (FREUD, 2011, p. 6).

Para Freud, a contemplação de uma cidade como Roma leva, necessariamente, a que nos deparemos com uma realidade física onde o tempo e o espaço se apresentam como entidades distintas e um mesmo espaço revela diferentes e sobrepostas temporalidades. Segundo ele, ao contemplarmos o anfiteatro flaviano, podemos igualmente vislumbrar, mentalmente, o que teria sido a *Domus Aurea*, a que ainda podemos acrescentar imagens violentas de leões a devorarem cristãos, gladiadores munidos de espadas, machados e redes a se desafiar.

Como podemos representar a multitemporalidade de um edifício, então? Continuaremos com Sigmund Freud mais um pouco. Em suas conferências psicanalíticas de 1916, o médico austríaco discursava sobre os sonhos e propõe uma analogia geológica para explicar o falso caráter orgânico do sonho latente, que seria, em realidade, constituído pela deformação de outros sonhos. Segundo ele:

devemos nos abster da pretensão de explicar uma parte do sonho manifesto com base em outra, como se o sonho tivesse sido concebido de forma coerente e constituísse uma representação pragmática. Na maioria dos casos ele é, antes, comparável a uma brecha calcária, que, composta de fragmentos unidos por meio de um cimento natural, forma desenhos que não integravam as pedras que lhe deram origem (FREUD, 2014, p. 132).

A analogia utilizada por Freud recorre às brechas, rochas constituídas por elementos pré-existentes que se apresentam em meio a uma matriz mais fina, unidos por um cimento. A formação das brechas dá-se pela fragmentação singenética de diferentes rochas e a sua redeposição por diferentes processos (SUGUIO, 2003).

A partir dessa analogia freudiana, a geógrafa Nadia Bartolini propõe a metáfora da brechificação (o processo de formação de brechas) para analisar a formação dos centros históricos. Segundo essa investigadora (BARTOLINI, 2013, p. 1045), a comparação feita por Freud entre a topografia urbana e a construção dos sonhos fornece, pelo menos, três instrumentos úteis para o estudo das cidades: em primeiro lugar, a ideia de que os sonhos, assim como as brechas, são formados por fragmentos de origens distintas e dissociadas, e “enquanto a estratificação implica um processo ordenado e linear em que a camada sobreposta é mais recente do que a inferior, na brecha, fragmentos de diferentes momentos são reunidos e reordenados, produzindo novos espaços”. Em segundo lugar, que esses fragmentos seriam recombinados através de um meio, “a brecha implica que os fragmentos já foram consolidados e estão, portanto, temporalmente congelados [...] no entanto, permanece num estado de possível fluxo e movimento futuro”. Em terceiro lugar, a necessidade de uma terceira pessoa que realize a análise dos sonhos para compreendê-los, “na cidade, o mediador passa a ser aquele que, cultural ou individualmente, avalia e trabalha para incorporar os remanescentes na cidade”.

Através da metáfora da brechificação, podemos analisar o processo de formação das paisagens urbanas de forma mais eficiente, incorporando os fenômenos de justaposição material, espacial e temporal, que permanecem completamente ocultos quando recorremos ao palimpsesto para explicar, ainda que idealmente, as transformações nas cidades. Não se trata, entretanto, da substituição de uma metáfora por outra, mas do reconhecimento dos limites que ambas apresentam. É uma proposta de duas acepções que, cada uma ao seu modo, pode fornecer mais ferramentas para uma análise crítica da diversidade inerente à forma como os centros urbanos são formados e modificados ao longo do tempo, bem como as diferentes maneiras como os patrimônios são preservados e interagem com a sociedade em meio ao cenário de constante transição que as cidades estão expostas (BARTOLINI, 2014; 2021). Em suma, como

as cidades, em suas mais distintas composições ao longo do tempo, constituem-se monumentos e documentos devido às relações de sobreposição ou justaposição que estabelecem com o seu passado e o seu presente.

## **DISCUSSÃO: OS USOS DAS DIFERENTES METÁFORAS**

As duas metáforas, palimpsesto e brechificação, revelam dois modos distintos como as sociedades lidam com o seu passado, designadamente, a sobreposição de camadas e ideias, que recobrem as anteriores para dar espaço às novidades, ou a integração do que veio antes e o seu adequamento à demanda do presente. Essa dupla forma de ação reverbera em nossa sociedade atual, levando-nos ao questionamento sobre como lidamos com o nosso passado, por remoto ou remotíssimo que seja (CROCE, 1939).

O uso desse repertório conceptual duplo e contrário, próprio da complexidade inerente a qualquer atividade humana, pode ser um bom instrumento de análise das cidades em pelo menos três perspetivas: a investigação, o ensino e o património. Para a investigação sobre a formação histórica dos centros urbanos, área que, como salientamos, utiliza a metáfora do palimpsesto já há algum tempo, a introdução da ideia de brechificação é interessante pois permite uma discussão mais amplas de diferentes processos construtivos e destrutivos de edifícios, que revelam distintas motivações, ideias e necessidades das sociedades ao longo do tempo (MACHADO *et al.*, 2024).

No que toca às possibilidades pedagógicas, elas são bastante positivas. Independentemente do ano curricular, ou mesmo do grau de ensino, um dos principais contributos das ciências históricas para a formação dos cidadãos é a sua capacidade de demonstrar que o mundo tal qual se apresenta presentemente não é uma construção divina ou um destino incontornável, mas o resultado das escolhas realizadas por aqueles que nos antecederam e que decidimos preservar. Portanto, o modo como lidamos com o passado, seja pela adição de camadas ou a sua justaposição e integração, define a sociedade e o seu aspeto físico mais imediato, os centros urbanos. O modo como interagimos com esse passado que segue vivo, assim como as escolhas que realizamos, como a sua manutenção, rejeição, adaptação ou ressignificação, é uma ferramenta fundamental na ação dos cidadãos na sociedade, individual ou coletivamente.

Não obstante, a perceção da sobrevivência de elementos do passado no presente levamos, necessariamente, à reflexão sobre a duração dos fenómenos, conjunturas e estruturas. Nesse sentido, julgamos que a entrevista feita pelo jornalista Jean Lebrun ao grande historiador

medievalista Jacques Le Goff, em 1997, que deu origem à obra “Por amor às cidades”, é um bom exemplo de como as diferentes temporalidades dos fenômenos e o modo como as sociedades, e particularmente as cidades, interagem com os seus passados. Essa animada conversa entre os dois tem como objeto central as cidades medievais e as suas diferenças e semelhanças com aquelas do mundo antigo, que as precedeu, e moderno, que as sucedeu. Versando sobre temas como os equipamentos públicos, ordens mendicantes, comércio, segurança ou festas, os dois comunicadores enveredam em um animado diálogo que muito nos faz refletir sobre o caráter “inovador” do mundo medieval, ou os eventuais “resquícios medievais” nos nossos dias (LE GOFF, 1998).

Por fim, a dimensão patrimonial das metáforas como instrumentos para a análise da formação histórica dos centros urbanos são, igualmente, ferramentas bastante úteis. Um patrimônio é, por definição, algo do passado que persiste no presente, um *monumento*, segundo Jacques Le Goff (2013). A continuidade no tempo desse elemento, apesar das alterações à sua volta, pode levar à sua descaracterização em relação à realidade que o cerca, pelo que é fundamental que se restabeleça as afinidades físicas e sociais que esses monumentos tinham aquando da sua construção e, igualmente, a restituição dos movimentos históricos que tornaram possível a sua existência até hoje. Sobre esse tema, indicamos o artigo publicado no presente volume de Francisco Folgueira Ríos, cujo estudo nesse trabalho incidiu sobre o interessante conceito de “pedras nuas”, proposta pela arqueóloga e ex-professora da Università degli studi di Roma Tor Vergata, Andreina Ricci (2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de abstração da realidade através do uso de metáforas que a expliquem idealmente é um instrumento bastante útil para se analisar o passado e, igualmente, o presente. A partir da compreensão da diversidade de maneiras como os elementos materiais de uma cidade entrelaçam-se historicamente com a evolução das formas urbanas, respondendo a necessidades, demandas, desejos e escolhas das sociedades, ao longo do tempo, é possível construirmos um olhar mais crítico sobre o dinamismo que, fundamentalmente, define essas experiências humanas.

Nesse sentido, mais do que procurar identificar um momento do desenvolvimento das cidades ao longo do tempo, como uma fotografia ou uma pintura, que apresentam uma realidade paralisada, devemos pensar os centros urbanos como um eterno estado de *vir a ser*, semelhante às brechas e aos sonhos, que representam algo que *está* de uma forma, mas já *esteve* de outra.

Os monumentos do passado, como o Coliseu, podem nos dizer muito sobre a capital do Império Romano, como importantes documentos dos primeiros séculos da nossa era, mas também sobre os centros urbanos na atualidade através das formas como essas estruturas foram neles incorporadas, física e simbolicamente, e a sua interação com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2012.

BAILEY, Geoff. Time perspectives, palimpsests and the archaeology of time. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 26, n. 2, p. 198–223. 2007.

BARTOLINI, Nadia. Rome's pasts and the creation of new urban spaces: brecciation, matter, and the play of surfaces and depths. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 31, p. 1041–1061. 2013.

BARTOLINI, Nadia. Critical urban heritage: from palimpsest to brecciation. **International Journal of Heritage Studies**, v. 20, n. 5, p. 519–533. 2014.

BARTOLINI, Nadia. Brecciation, post-geographies, and spaces in transition. **Dialogues in Human Geography**, v. 11(3), p. 483–486. 2021.

BEARD, Mary. **Twelve Caesars**. Images of power from the ancient world to the modern. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2021.

BOCHER DE PERTHES, Jacques. **Antiquités Celtiques et Antédiluviennes**. 3 vols. Paris: Treuttel et Wurtz, 1847–1864.

BOMGARDNER, David. **The story of the Roman amphitheatre**. Oxford/New York: Routledge, 2000.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1998.

CLANCHY, Michael. **From Memory to Written Record England 1066–1307**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013.

CRANG, Michael. Envisioning urban histories: Bristol as palimpsest, postcards, and snapshots. **Environment and Planning A**, v. 28, p. 429–452. 1996.

CROCE, Benedetto. **La Storia como pensiero e come azione**. Bari: Laterza, 1939.

DE QUINCEY, Thomas. **Suspiria de Profundis**. New York: Dover Publications, 2019.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado romano: um estudo de allelopoiesis. **Phônix**, v. 27–2, p. 97–110. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.407>

ISSN: 2447-0244

- FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916–1917)**. Sigmund Freud. Obras completas volume 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- HOPKINS, Keith; BEARD, Mary. **The Colosseum**. London: Profile Books, 2011.
- HUYSSSEN, Andreas. **Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory**. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.
- LEMOS, Francisco. A lei e a Arqueologia Urbana. **Praxis Archaeologica**, v. 1, p. 15–21. 2006.
- LYONS, Martyn. **A History of Reading and Writing: In the Western World**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010.
- MACHADO, Diego; MAGALHÃES, Alexandre; FOLGUEIRA RÍOS, Francisco; FERNANDES, João; BACK, João; MOURA, Ruben; DIAS, Bruno. **Conceptualising time and space in the morphology of historic urban centres: the case study of NW Hispania Roman walls**. Póster apresentado no 30<sup>th</sup> European Association of Archaeologists Annual Meeting. Roma, Sapienza Università di Roma, 28–31 de agosto. 2024.
- MARTINS, Manuela. Um passado com futuro. O projeto de intervenção arqueológica na colina do Alto da Cividade, Braga. In: Mateos Cruz, Pedro; Palma García, Félix. **Actas del Congreso Internacional La arqueología urbana en las ciudades de la Hispania romana**. Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida, p. 167–186, 2020.
- MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo. A arqueologia urbana e a defesa do património das cidades. **Forum**, v. 44–45, p. 149–177. 2009/2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONTANARI, Franco. **The Brill Dictionary of Ancient Greek**. Leiden: Brill, 2015.
- RICCI, Andreina. **En torno a la piedra desnuda**. València: Publicacions de la Universitat de València, 2013.
- SMITH, William. **Strata identified by organized fossils**. London: W. Arding, 1816.
- SUGUIO, Kenitiro. **Geologia Sedimentar**. São Paulo: Editora Blücher, 2003.
- THOMAS, Julian. Archaeologies of Place and Landscape. In HODDER, Ian. **Archaeological Theory Today**. Cambridge: Polity Press, p. 165–186, 2001.

WOONG, Adam. **The Roman Colosseum**. San Diego: Reference Point Press, 2014.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.407>

ISSN: 2447-0244